

NOTA EDITORIAL

*Há versos célebres que se transmitem através das idades
do homem, como roteiros, bandeiras, cartas de marear,
sinais de trânsito, bússolas – ou segredos.*

José Saramago, *A bagagem do viajante*

A diáspora da cultura é faculdade inelutável. Mas o poeta não é um ladrão de palavras porque o seu gesto não é clandestino. Ao contrário disso – e a literatura contemporânea exacerbará certamente essa exposição do uso consciente da tradição – o poeta tardio recebe como uma fatalidade o multifacetado acervo da cultura, torna-se de modo ambivalente seu servo e seu dono, incapaz por um lado de escapar ao volume de saberes que como um grande fantasma o obriga a ceder a esse peso imensurável, poderoso por outro quando pressente que essa tradição não é opressora e, mais que isso, que a ele é dada a chance inaudita de metamorfoseá-la. A palavra virginal, a ideia mesma da originalidade são falácias para todo aquele que aprendeu a ter de viver fora do paraíso, lá onde trair, deslocar, desestabilizar, inverter constituem a atitude saudavelmente demoníaca e perturbadora da ordem divina. O poeta tardio ousa transgredir e tocar o canônico, o eterno, o sagrado, enfim, o que não era para ser tocado; credita o altar mas prefere estar na rua, no meio do redemoinho, a habitar as esferas divinas onde o novo nasce do nada.

A diáspora da cultura é faculdade inelutável e é ela a responsável pelo processo não do seu congelamento mas da sua atualização, não de sua eternidade mas da sua metamorfose, não da sua monumentalidade mas da sua vulgarização. Os sinais que a cultura vai deixando através dos tempos são para os novos viajantes «os roteiros, as bandeiras, as cartas de marear, os sinais de trânsito, as bússolas» mas são também os «segredos» por onde viajar é sempre uma aventura na maravilha. Por isso, o criador, o artista, o poeta sobrevivem todos necessariamente entre a lápide e a versão, preferindo ao ócio que ignora, o negócio que transforma.

Teresa Cristina Cerdeira

